



**PRIMEIRO
MINISTRO**

**DISCURSO DE
SUA EXCELÊNCIA O PRIMEIRO-MINISTRO
KAY RALA XANANA GUSMÃO
POR OCASIÃO DO EVENTO PARALELO DA ESCAP
“Proporcionar bem-estar nos SIDS”**

Sala 11, Universidade Americana de Antígua
St. John's, Antígua e Barbuda
30 de maio de 2024

Sua Excelência o Primeiro-Ministro das Ilhas Cook

Sua Excelência a Subsecretária-Geral das Nações Unidas e Secretária Executiva da ESCAP, Sra. Armida Salsiah Alisjahbana

Excelências
Ilustres oradores
Caros amigos,

É um grande prazer estar neste evento paralelo organizado pelas Ilhas Cook e pela Comissão Económica e Social para a Ásia e o Pacífico, com o apoio do Secretariado do Fórum das Ilhas do Pacífico e da Comunidade do Pacífico.

Obrigado pelo convite para participar neste importante evento.

Os Pequenos Estados Insulares em Desenvolvimento representam nações únicas e belas que são vulneráveis devido às circunstâncias e à geografia, mas resilientes graças à força dos seus povos.

Enfrentamos muitos desafios que ameaçam tanto os nossos meios de subsistência quanto os delicados ecossistemas das nossas terras.

É por isso que esta 4.^a Conferência Internacional dos SIDS, que nos reúne a todos em Antígua e Barbuda, é tão crucial para fortalecer a cooperação entre nós.

Devemos unir-nos para explorar ações significativas que apoiem a prosperidade e resiliência das nossas comunidades perante desafios prementes, incluindo as alterações climáticas, o desenvolvimento sustentável e a estabilidade económica.

No entanto, sendo SIDS, não somos "pequenos", porque juntos, com perspetivas e compromissos partilhados, somos "Grandes Estados do Oceano" que tentam trabalhar para o bem-estar dos nossos povos.

Senhoras e senhores,

Apesar dos esforços da comunidade internacional para fomentar o diálogo e a cooperação no apoio ao desenvolvimento sustentável dos SIDS, é profundamente preocupante constatar que as desigualdades socioeconómicas aumentaram.

A recente pandemia mundial veio destacar estas desigualdades, ao passo que a guerra e os conflitos internacionais de hoje ameaçam a paz e a segurança.

Os países em desenvolvimento estão com dificuldades. Estamos a assumir a liderança, a propriedade e a responsabilidade pelo nosso desenvolvimento, porém as ameaças globais que enfrentamos e para as quais não contribuimos vêm aumentar um fardo já de si pesado.

Em particular, as alterações climáticas tornam-nos ainda mais vulneráveis.

Embora tenha havido alguma melhoria nos esforços e na coordenação internacionais, é necessário fazer mais para apoiar os países em desenvolvimento, particularmente no cumprimento dos nossos compromissos ao abrigo da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Alterações Climáticas, do Acordo de Paris e na realização do desenvolvimento sustentável.

O Relatório Especial de 2023 sobre os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável das Nações Unidas revela que metade dos ODS não está no caminho certo para cumprir as suas metas de implementação, com 30 por cento a estarem estagnadas ou em retrocesso. Estas metas incluem questões críticas como a pobreza, a erradicação da fome e a estabilidade.

O fracasso dos ODS terá consequências terríveis para as pessoas, comunidades e para o planeta. Significará que não estamos no caminho certo para proteger os nossos povos e o nosso ambiente. Significará que todos estaremos em risco, tanto países desenvolvidos como países em desenvolvimento.

Assim, se ninguém deve ficar para trás, precisaremos de novas abordagens.

Precisaremos adotar metas mais realistas e viáveis que sejam devidamente financiadas.

E se a pergunta-chave é: *“quais devem ser as principais ações políticas para garantir o bem-estar a nível nacional?”*, a minha resposta é que devemos investir em programas de capacitação e formação que façam a diferença na vida quotidiana das pessoas.

Precisamos de proporcionar capacitação em áreas como governação, saúde, educação e infraestruturas, que nos permitam ser os agentes do nosso próprio desenvolvimento.

Para abordar as questões urgentes que impactam o bem-estar do nosso povo, precisamos igualmente priorizar a proteção e conservação dos nossos ecossistemas e biodiversidade únicos, garantindo a gestão sustentável dos recursos naturais para o benefício das gerações presentes e futuras.

É por isso que em Timor-Leste estamos a desenvolver uma Política e Plano de Ação abrangente para a Economia Azul – um roteiro que define as nossas aspirações e prioridades para alcançar uma economia oceânica sustentável.

Isto leva-nos a uma necessidade crucial e urgente de diversificação económica através da promoção do empreendedorismo e de indústrias sustentáveis que possam criar novas oportunidades de crescimento, emprego e estabilidade económica nos SIDS.

Para “*integrar o bem-estar nas prioridades de desenvolvimento nacional*”, precisamos melhorar os nossos mecanismos de recolha de dados, monitorização, responsabilização e implementação.

Precisamos adotar uma visão holística e integrada, uma vez que não se pode alcançar o bem-estar das pessoas através de programas e políticas fragmentadas e descoordenadas.

Precisamos olhar as pessoas nos olhos, não através das lentes de indicadores e relatórios preparados após breves missões internacionais que estão divorciadas do contexto e das necessidades locais.

Excelências
Senhoras e senhores,

Em 2013 tive o grande privilégio de presidir à Comissão Económica e Social para a Ásia e o Pacífico durante um ano. Mesmo com os períodos de crescimento económico acelerado desde então, continuamos a ver uma enorme desigualdade na região da Ásia-Pacífico, com milhões de pessoas a viverem em situação de pobreza extrema.

A situação é ainda mais grave em países frágeis que não conseguem escapar da sua história de exploração colonial, conflito e negligência.

É por isto que precisamos mudar o sistema internacional que foi desenvolvido pelos países ricos e para os países ricos, sempre à custa dos países frágeis e em desenvolvimento.

Podemos começar por reconhecer que a mesma solução não pode servir para todos os SIDS. Os desafios que enfrentamos em Timor-Leste não são os mesmos que os enfrentados pelas comunidades nas Ilhas Cook, nas Seicheles, em Maldivas, Tuvalu ou em Kiribati, onde a questão das alterações climáticas ameaça a sua própria existência.

Precisamos de novas estratégias, precisamos de novas mentalidades e precisamos de novas abordagens. Timor-Leste aprecia profundamente a observação clara do Secretário-Geral das Nações Unidas, S.E. António Guterres, exigindo mudanças cruciais no sistema de financiamento internacional. Só depois disto acontecer, os SIDS poderão ter confiança nesta abordagem vital para o desenvolvimento sustentável dos SIDS.

Entretanto, apelamos às Organizações das Nações Unidas para que cumpram a importante mensagem do SGNU sobre "**menos relatórios, mais resultados**".

Apelamos assim a uma resposta global, porém contextualizada, para o bem-estar das pessoas nos SIDS. Uma resposta que seja urgente, mas não feita à pressa.

Somente com diálogo, cooperação e confiança, reforçados com os recursos necessários, será possível conseguirmos implementar uma agenda tão transformadora.

Obrigado.

Kay Rala Xanana Gusmão